

REDES SOCIAIS: Grupo para imigrantes brasileiras em Portugal

Eliany Nazaré Oliveira^(*)

Félix Fernando Monteiro Neto^(**)

DOI 10.14393/CEF-v29n2-2016-21

Resumo

Este artigo constitui um relato de experiência sobre a criação e administração de um grupo nas redes sociais para imigrantes brasileiras em Portugal. A convivência no mundo virtual é uma realidade no século XXI. As novas tecnologias contribuem de forma significativa para aproximação de pessoas e grupos. As redes sociais podem ser consideradas um espaço privilegiado para comunicação e interação. O objetivo deste artigo é descrever o processo de organização, criação e administração do grupo “Brasileiras que Vivem em Portugal” no *Facebook*. A experiência demonstrou sua utilidade e seus benefícios para quem se encontra em outro país e necessita de informações, camaradagem, dividir experiências, pertencer a um grupo étnico e apoio para inserção no mercado de trabalho. O espaço também é favorável para o desenvolvimento de pesquisa, já que pode agregar indivíduos com as características do público-alvo definido pelos pesquisadores. Assim, o grupo demonstrou ser um potente suporte nas redes sociais para imigrantes, contribuindo para sua integração e sobrevivência nesse cenário.

Palavras-chave: Imigração. Redes Sociais. Mulher. Portugal. Brasil.

SOCIAL NETWORKS: Group for brasilian immigrant women in Portugal

Abstract

This article is an experience report on the creation and administration of a group on the social networks for Brazilian immigrant women in Portugal. Interaction in the virtual world is a reality in the 21st century. The new technologies significantly contribute to bring people and groups closer. Social networks may be regarded as a privileged space for communication and interaction. This article aims to describe the process of organizing, creating, and administrating the group “Brazilian women living in Portugal” on the *Facebook*. The experience has shown its usefulness and benefits for those who live abroad and need information, fellowship, sharing of experiences, belonging to an ethnic group, and support to enter the labor market. The space is also favorable for conducting research, as it can bring together individuals with characteristics of the target audience defined by the researchers. Thus, the group proved to be a powerful support on the social networks for immigrants, contributing to their interconnection and survival in this scenario.

Keywords: Immigration. Social Networks. Women. Portugal. Brazil.

^(*) Docente da Universidade Estadual Vale do Acaraú e atualmente desenvolvendo Pós-Doutoramento na Universidade do Porto – Fac. De Ciências da Educação e Psicologia. Portugal. E-mail: elianyy@hotmail.com.

^(**) Prof. Catedrático da Universidade do Porto – Fac. De Ciências da Educação. E-mail: gleisson_nega@hotmail.com.

Texto recebido em: 19/11/2016. Texto aprovado em: 12/12/2016.

Imigração e aspectos introdutórios

A migração pode ser considerada um dos maiores desafios de Saúde Pública em nível mundial. Nesse contexto, há uma reconhecida necessidade de compreender a movimentação da população e seu impacto, seja nos países (de acolhimento, trânsito ou origem) ou nas populações (migrantes ou nativos) (DIAS; GONÇALVES 2007).

De acordo com as Nações Unidas o número de migrantes internacionais Mundial vem crescendo rapidamente, no ano de 2000 eram 173 milhões, em 2010 já somavam 222 milhões e em 2015 atingindo 244 milhões. Um fenômeno importante tem acontecido nas migrações transnacionais, este consiste na feminização. Na Europa o percentual de mulheres no ano de 2000 era de 51,6, aumentando para 52,4 por cento em 2015 (NAÇÕES UNIDAS, 2016). Para Farias (2015) as mulheres migrantes desempenham importante papel em todas as regiões onde chegam, até os anos 60, os homens predominavam nas migrações laborais, e as mulheres migravam para fins de reunificação familiar. Atualmente, número cada vez maior de mulheres migra por conta própria e na condição de “chefes de família”.

Os diversos problemas sociais e econômicos enfrentados por parte da população no contexto histórico brasileiro têm consequências até os dias atuais. Muitos buscam uma vida melhor em outros países. Cerca de 500 mil brasileiros residem no exterior (BRASIL, 2013). São vários os motivos para imigrar ou migrar, que podem ser influenciados pelas condições socioeconômicas, pelo contexto político e pelas catástrofes naturais. Em geral, é possível indicar que as motivações se relacionam a uma nova possibilidade de vida, melhores oportunidades de emprego, benefícios financeiros ou fuga de problemas ambientais, políticos e sociais. Os imigrantes que chegam a um novo país vivenciam situações conflituosas. Com frequência, são vistos com certa desconfiança ou até como uma ameaça pela comunidade que os recebe, sobretudo quando seu *status* é ilegal. Não raro, há receio de que concorrerão com a comunidade local pelos serviços públicos ou por postos de trabalho. Logo, a imigração e a migração implicam contato com novas culturas, diferentes maneiras de pensar e distintas crenças, fazendo surgir dificuldades de adaptação e problemas de saúde física e mental (WALDMAN, 2011).

Segundo Malheiros (2007), organizador da coletânea Imigração brasileira em Portugal, atualmente os brasileiros tornaram-se o maior grupo formal e contabilizado de

estrangeiros no país. Mesmo considerando os estrangeiros com *status* ilegal e aqueles que obtiveram nacionalidade portuguesa, os brasileiros ocupam a primeira posição no *ranking* de grupos étnicos de origem não nacional.

Portugal assistiu a um paulatino crescimento da feminilização do contingente migratório e da participação das migrantes no mercado de trabalho. Não se deve esquecer que está em curso um processo de flexibilização e precarização do trabalho e que, mesmo com as significativas mudanças para diminuir as diferenças entre homens e mulheres, tanto do ponto de vista das áreas de atuação como da remuneração, em geral, observa-se a feminilização de campos profissionais menos prestigiados e há evidentes desvantagens salariais em comparação aos homens. A divisão sexual do trabalho contemporâneo soma-se a uma distribuição desigual de funções entre migrantes e não migrantes ou entre o grupo etnicamente dominante e as minorias étnicas, estabelecendo posições ou nichos de emprego para indivíduos com determinado perfil. Em Portugal, observa-se uma clara etnicização do trabalho doméstico e das empresas de limpeza (MENDONÇA, 2007). Nos últimos anos, grande parte das mulheres brasileiras, ao contrário do primeiro fluxo migratório na década de oitenta, migra não por motivos de reunificação familiar, mas sozinhas, construindo uma trajetória de imigração pessoal. Contudo, ainda que independentes, muitas dessas mulheres mantêm o compromisso, enviando dinheiro regularmente, com filhos ou pais que permaneceram no Brasil.

Segundo dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF, 2013), naquele ano, a população brasileira com vistos oficiais em Portugal totalizou 87.493 indivíduos (53.537 mulheres e 33.956 homens). Vale ressaltar que esses dados referem-se aos indivíduos em situação legal, sem estimar a quantidade real de brasileiros que vivem no país, uma vez que muitos se encontram em situação ilegal. Em 2015, o Itamaraty contabilizou 162.190 brasileiros residentes em Portugal, o que demonstra que o processo migratório Brasil-Portugal continua crescente.

Este artigo relata a experiência da criação de um grupo de suporte e apoio a imigrantes brasileiras em Portugal. Esse grupo também constitui uma ferramenta de pesquisa em nível de pós-doutorado na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, intitulada “Estado de Saúde e Qualidade de Vida de Imigrantes Brasileiras em Portugal”. Esse espaço mostrou-se um importante meio de comunicação entre os pesquisadores e as brasileiras que vivem no país. Além da coleta de dados de pesquisa, o grupo também tem por objetivo agregar mulheres de nacionalidade brasileira para troca de experiências, informações e discussão acerca das

seguintes temáticas: saúde física, mental e reprodutiva; violência doméstica; e outras sugeridas pelas integrantes.

As redes sociais representam uma importante estratégia de comunicação nos dias atuais, facilitando a obtenção de informações, pelos imigrantes, sobre tudo o que ocorre em seu novo local de residência. Desse modo, os indivíduos podem compensar situações de acesso limitado a notícias e assuntos específicos.

Segundo Vermelho, Velho e Bertocello (2015), a tecnologia das redes sociais digitais (RSD) foi pensada, idealizada e construída para proporcionar relações horizontalizadas, sob a égide de um sistema fortemente alicerçado na verticalidade. Nesse sentido, muito mais que uma tecnologia da moda, as RSD podem responder a anseios humanos e podem ser elementos de tensão na sociedade atual. Manifestações organizadas pela rede são noticiadas com frequência, demonstrando seu potencial de mobilização social.

No trabalho de Elhajji e Malerba (2016) “Dos usos comunitários da webradiofonia no contexto migratório transnacional”, os autores concluem que as tecnologias não seriam adotadas de modo singular e isolado, mas sim apropriadas enquanto parte de uma ecologia cognitiva maior, constituída pelo conjunto das redes sociais e a ‘tecnosfera’ que as engloba. Ou seja, os imigrantes fazem usos comunitários de toda uma gama de aplicações e recursos midiáticos disponíveis na rede. É necessário, ainda, reconhecer que a própria prática midiática e comunicativa relativa ao atual contexto tecnológico e global não parece priorizar as funções sobre as funcionalidades, mas sim optar por estratégias plurais e híbridas, nas quais o suporte se dilui na finalidade comunicativa e social.

A tecnologia tem também trazido a possibilidade de troca e promoção de informações não veiculada pela mídia tradicional. Os meios de comunicação tradicionais apresentam-se muitas vezes tendenciosos no sentido de veicularem textos e imagens carregadas de ideias preconceituosas ou descontextualizadas. Simultaneamente, ao lado disso, existe o fortalecimento de redes de solidariedade, na contramão dos valores propagados pelo sistema mundial capitalista financeiro voltado para o propósito do aumento do lucro de corporações mundiais. A autora defende o uso da tecnologia na prevenção à saúde mental como parte possível de ferramenta no fortalecimento aos direitos fundamentais a uma vida digna e de sentido onde quer que se esteja (DANTAS, 2016). Para Brignol e Costa (2016) com a emergência de ambientes comunicacionais marcados pelo atravessamento de questões ligadas ao fenômeno migratório e a ampliação dos usos da internet por comunidades

migrantes, é possível perceber uma profunda relação entre as migrações contemporâneas e as questões de acesso às tecnologias da informação e comunicação, neste contexto, estudos e relatos sobre comunicação em rede e migrações transnacionais levantam questões importantes a serem enfrentadas para a compreensão dos novos contornos dos fluxos migratórios no mundo. Desta maneira poderemos apreender suas trajetórias de migração e lógicas de comunicação em rede, em uma dinâmica construída entre deslocamentos, pertencas identitárias e usos das tecnologias da informação e comunicação.

Nesse cenário, este artigo descreve a experiência da criação e administração de um grupo no *Facebook* para imigrantes brasileiras que vivem em Portugal.

Motivação e Justificativas para um grupo nas Redes Sociais

O curso de pós-doutorado na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, em Portugal, colocou um dos autores deste artigo na posição de imigrante do sexo feminino, deslocando-se de Sobral-CE, Brasil, onde atua como professora universitária desde 1994.

Na condição de imigrante e com a necessidade de encontrar imigrantes de mesma nacionalidade em seu destino, a criação do grupo “Brasileiras que Vivem em Portugal” mostrou-se o melhor caminho para alcançar os objetivos de pesquisa, além de proporcionar informações e contatos locais relevantes para uma pessoa recém-instada no país.

As redes sociais constituem um conjunto complexo de inter-relações que se dinamizam. Pode-se dizer que o ser humano vem estreitando suas relações e tornando-se cada vez mais comunicativo a partir de novos processos virtuais, que influenciam o comportamento tanto de indivíduos como de coletivos. A ação humana é afetada pelas relações sociais nas quais os agentes estão imersos, que proporcionam redes de solidariedade local no combate à exclusão social (MIZRUCHI, 2006). A utilização da Internet sofreu longas alterações desde o seu uso bélico, seguido do científico-acadêmico até ao atual uso “doméstico”. Após sua “popularização” como novo meio de comunicação, sua utilização contemporânea dá-se, em muitas medidas e estatísticas, mediante o pressuposto reticular que emerge sob a égide da possibilidade de construção de novas formas de sociabilidade. Essa apropriação reflete-se no alto índice de criação

de *softwares* arquitetados a partir da ideia sociológica das redes sociais e na sua adesão por parte dos utilizadores da Internet (SATURNINO, 2011).

As redes sociais mostram-se caminhos rápidos e eficientes de comunicação e interação social. Podem ser acessadas por meio de computadores, telefones celulares e *tablets*, com contato em tempo real, o que facilita o processo relacional, tendo em vista que as pessoas sempre tiveram como essência de vida a interação com a sociedade e com outros indivíduos.

Nesse cenário, comunicação virtual dentro de determinado grupo, os critérios de inclusão foram: ser mulher, de origem brasileira e residente em Portugal. O grupo constituiu uma estratégia para proporcionar redução do isolamento, suporte e apoio a esse público específico. Saturnino (2011) no estudo Imaginário e imigração nas redes sociais da Internet: o caso dos brasileiros em Portugal apresenta de forma singular a observação realizada em um grupo de imigrantes brasileiros na internet. A “comunidade” virtual “Brasileiros em Portugal” interioriza seus dramas, suas dúvidas, suas inseguranças, seus medos, suas brincadeiras, suas simpatias, seus afetos e seus desafetos. Muitas vezes, é pautada pela simpatia e pela cordialidade. Em outras, pela rispidez das relações. Seus membros utilizam a Internet como ponto de apoio de uma comunidade *offline* que realiza “orkontros”, churrascos e festas juninas. A base deste desdobramento físico sustenta-se pelas formas heterodoxas de abordagens e de contatos que se realizam no online, reforçada pela tentativa de reatualização do mito da comunidade original e por um imaginário carregado de um sentimento de pertença. O mais certo que se atingiu neste trabalho foi constatar que a Internet, se não resolve o problema da comunidade, pelo menos alarga e potencializa as trocas simbólicas que permeiam o universo desses indivíduos, enfatizado pela “crença compartilhada nos princípios da liberdade de expressão, o individualismo, a igualdade e o livre acesso dos mesmos interesses simbólicos [...] que pode levar a um espírito comunitário e ao vínculo social aparente. A autor segue afirmando que o grupo observado são unidos pelo tema e pelo interesse e limitados pela técnica da Internet, os membros procuram superar a distância e a frieza do computador tendo como suporte o sentimento eleito por Maffesoli como “cimento societal”: o da pertença. Indicam-se empregos, realizam-se festas, respondem-se a dúvidas. Aproximam-se como podem e como imaginam, num vitalismo característico da sociabilidade contemporânea. Ligam-se ao Brasil e aos

brasileiros num movimento de substituição da desterritorialização geográfica pela reterritorialização imaginada.

Vale ressaltar que foram identificados diversos grupos no *Facebook* que poderiam oferecer dados relevantes à pesquisa em questão, porém, nenhum com potencial para abordar em detalhe temas relativos à saúde física, mental e reprodutiva, à violência doméstica e a outros assuntos específicos de interesse feminino.

As principais motivações para criação do grupo foram: a necessidade de localizar e convidar imigrantes brasileiras em Portugal a participar da pesquisa “Estado de Saúde e Qualidade de Vida de Imigrantes Brasileiras em Portugal” e a possibilidade do grupo criado em uma rede social tornar-se uma ferramenta de apoio, suporte e troca de informações e experiências entre as integrantes.

Imagem e Identidade do Grupo

A imagem e as representações da mulher brasileira em Portugal ainda se mostram negativas. Segundo Correia (2014), com esse complexo processo de estereotipização discursiva da mulher e de recorrente xenofobia, foi verificado que Portugal, com base no impulso proporcionado pelos fundos comunitários, é um país de acolhimento de imigrantes atraídos pelo desenvolvimento econômico.

Correia (2014) contextualiza de forma clara o caso das “Mães de Bragança”, primeiro exemplo para a discussão do discurso da *mídia* sobre a mulher brasileira. Um foco de tensão germinava desde 2003 no distrito de Bragança. O detonador do conflito foi a presença de prostitutas trabalhando em “clubes de dança” em toda a cidade, que atraíam homens de todas as idades e classes sociais e provocaram a contestação de um movimento feminino denominado “Mães de Bragança” – estas cansadas de ver seus maridos gastarem dinheiro com as *meninas*.

Em artigo de Badet (2016) sobre a visualização das brasileiras na mídia espanhola, onde há uma presença significativa de imigrantes brasileiros, os diferentes trabalhos de pesquisa apontam para a construção de uma imagem estereotipada do Brasil. No caso da mulher brasileira, esses estudos evidenciam a predominância de uma imagem erotizada e sensual que, em muitos casos, associa a imigração de brasileiras com a questão da prostituição. De acordo com França (2010) no caso das

mulheres brasileiras a dimensão da sexualidade é supervalorizada, estando a imagem das brasileiras como alegres e sensuais muito difundidas na sociedade portuguesa. A mídia portuguesa, a popularização das novelas brasileiras e o fato de Brasil ter sido incluído nos circuitos mundiais de turismo sexual reproduzem ao mesmo tempo em que reforçam, o mito da mulher brasileira como sensual, tropical, associando a prostituição. Assim, este imaginário influencia negativamente a forma de inserção das imigrantes no mercado laboral, uma vez que se trata de uma imagem carregada de preconceitos. A autora segue concluindo que as imagens do Brasil como um país com um povo alegre, sensual, simpático, tendem a prejudicar a inserção dessas brasileiras no mercado de trabalho, empurrando-as para atividades sempre menos qualificadas e menos reconhecidas socialmente.

Para Machado (2009) o estereótipo é reforçado pela má interpretação do modo de a mulher brasileira se relacionar como corpo, com seus entes e com o vestuário. Para esse autor, a ligação da mulher com o corpo é uma relação que diz respeito a sua própria identidade e à cultura estabelecida como brasileira. No jogo de centralidade entre portugueses e brasileiros, o corpo é um elemento que materializa a cultura, seja através de movimentos específicos, danças, gestos de expressão emotiva ou de sentido sexual.

Correia (2014) faz a seguinte ponderação: com efeito, ainda que com reservas, admite-se que se nota, de uma forma geral, um abrandamento de afloramentos xenófobos assentes na sensualização e na erotização de alguns agentes sociais, não sendo de excluir a hipótese dos fluxos turísticos assentes numa classe média profissional (professores, estudantes brasileiros e brasileiras) contribuir para a diminuição dos discursos redutores.

No artigo *mulheres brasileiras na mídia portuguesa* a autora faz uma interessante afirmação: As representações sexualizadas da mulher brasileira na mídia portuguesa relacionadas à migração podem e devem ser relacionadas com a posição subordinada das imigrantes no mercado de trabalho, bem como o tratamento da imigração enquanto clandestina, marginal e ameaçadora. Existe um intrincado relacionamento entre gênero, etnicidade e classe na representação da mulher brasileira em Portugal, no qual as relações desiguais entre países na distribuição do poder político e econômico mundial conformam as relações de poder nos campos simbólico, da sexualidade e do trabalho. Tais dinâmicas estão relacionadas tanto ao colonialismo quanto à processos

contemporâneos como as migrações internacionais. Ao mesmo tempo em que a reelaboração do discurso e das hierarquias imperiais projetam identidades genéricas sobre a mulher brasileira – em que a alteridade exótica, a tropicalidade e a alteridade sensual (todas mercantilizáveis), associadas ao Brasil, são submetidas às identidades portuguesas –, a recente imigração brasileira em Portugal complexificou esses processos identitários mútuos (PONTES, 2004).

A reflexão de Mayorga (2011) confirma a posição de outros autores. As mulheres, juntamente com outros grupos sociais, ocupam um lugar de destaque na dinâmica da globalização e dos fluxos migratórios e também sofrem as consequências do fechamento das fronteiras. Atualmente, muitas imigrantes no contexto europeu têm origem em países de histórico colonial, onde a cidadania apresentada como universal segue privilegiando as elites locais. Vivenciaram situações de precariedade socioeconômica, mas também de violência de gênero, sexismo e exploração.

Uma vez definido o cenário no qual o grupo seria criado, a ideia era distanciar-se dessa imagem negativa da mulher brasileira, estabelecendo uma imagem de força e de luta que a representasse adequadamente, um símbolo de orgulho. Partindo desse pressuposto foi criada para o grupo a imagem ilustrada pela Figura 1.



Figura 1 Logomarca do grupo “Brasileiras que Vivem em Portugal” no *Facebook*.

Fonte: Elaborada pelos autores.

A definição de *pessoa guerreira, batalhadora, que luta, é forte e capaz de vencer os desafios, aquela que não desiste* foi decisiva para tematizar a logomarca do grupo criado, tendo em vista o contexto histórico e a atual imagem da mulher brasileira em Portugal. As frases representativas do grupo não foram selecionadas ao acaso, o

objetivo é, de fato, promover um sentimento de pertença e nacionalidade muitas vezes não observado em outro país.

Seguimos as orientações de Jacques (1998), ao oferecer pistas acerca das identidades migratórias. No estudo do autor, a representação dos migrantes brasileiros pela sociedade portuguesa em seu território, projetada no material jornalístico analisado, contempla uma atitude mais favorável e menos discriminatória do que a manifesta em relação às demais comunidades migrantes, principalmente as originárias de países africanos de língua portuguesa. Estas são objeto de hostilidade, associada à discriminação racial e socioeconômica, embora menos frequente e intensa do que a observada em outros países europeus.

A criação da logomarca para o grupo foi intencional e inspirada no estudo “Identidades migratórias”, de Monteiro Neto (1985), que evidencia a necessidade do fortalecimento dessa identidade pessoal, em geral determinada pela situação migratória (poupança, trabalho, solidão). A afirmação da nacionalidade pode ser uma forma de evitar a ruptura total com o país de origem e um dos caminhos para o aumento da autoestima do imigrante, que se percebe inferior ou rejeitado no novo espaço em que vive.

O processo migratório influencia de maneira significativa a saúde física e mental do imigrante. De acordo com Monteiro Neto (2012), Portugal é atípico, dado que se trata de um país de emigração e imigração, com uma população imigrante que apresenta pequena distância em relação ao seu contexto cultural e uma população nacional caracterizada por atitudes positivas e protetoras perante os imigrantes. Um contraponto às ideias de Monteiro Neto (2012) provém de Elhajji e Malerba (2016): o migrante se revela, então, um perfeito reflexo diferencial da maioria e “normalidade”; um catalisador da diferença. A presença do estrangeiro tem, pois, esse potencial de provocar no observador estranheza e estranhamento – seja de modo positivo (maravilhamento e fascínio) ou negativo (repulsa e medo).

Para Duarte e Oliveira (2012) existe a reprodução de uma imagem da mulher imigrante como vulnerável, e tem consequências no que se refere à análise das situações de violência a que estas mulheres são sujeitas. Facilmente, são criados e disseminados estereótipos acerca das mulheres imigrantes, que se reproduzem em determinados meios fundamentais, como, por exemplo, nos tribunais, nas polícias ou nos serviços de atendimento. Os estereótipos sobre estas mulheres assentam, maioritariamente, em três pressupostos: elas são seres passivos, submissos e incapazes de tomar conta de si

mesmas. Já Pontes (2004) o processo de sexualização da mulher imigrante brasileira pode ser associado: 1) ao fato de ser imigrante, portanto, de um outro grupo étnico-nacional exótico, periférico, racializado e de uma classe econômica subalterna e 2) ao fato de ser brasileira, portanto, oriunda da cultura do carnaval, da sexualidade, do culto ao corpo e também da pobreza, da violência e do subdesenvolvimento. A sexualização da mulher imigrante brasileira está relacionada a uma sobreposição de marcadores sociais de exclusão associados a uma essencialização da identidade nacional. Esta sexualização, conformada na desigualdade de estatuto de gênero, classe e nacionalidade, está enraizada nas condições estruturais da vida destas mulheres em Portugal, manifestando-se tanto nos relacionamentos sexuais quanto no mundo do trabalho.

Nesse contexto, a criação de uma imagem positiva para o grupo atende a dois objetivos: o primeiro vai ao encontro das necessidades das imigrantes brasileiras, que podem vislumbrar uma perspectiva afirmativa de sua condição étnica e de gênero, gerando, assim, um sentimento de pertencimento; já o segundo constitui uma mensagem à população receptora, enfatizando as características de um povo destemido e trabalhador.

Grupo “Brasileiras que vivem em Portugal”

Esse grupo foi criado no *Facebook* em março de 2016. Para seu efetivo funcionamento, diversas estratégias foram desenvolvidas. Depois do contato com outros grupos de nacionalidade brasileira, os convites foram enviados para o público desejado.

O *Facebook* é uma rede social que possibilita que uma pessoa, uma entidade ou um grupo poste seu perfil na internet para divulgar dados pessoais, com fotos, vídeos, *links* e notas, adicionando, para efeitos de correspondência virtual, outros usuários que são aceitos como “amigos”.

O convite enviado consistia em um texto curto sobre os objetivos do grupo e os critérios de inclusão. Eis o texto integral do convite:

VENHA PARTICIPAR DO GRUPO “BRASILEIRAS QUE VIVEM EM PORTUGAL”! Este grupo foi criado para o desenvolvimento da Pesquisa de Pós-Doutorado na Universidade do Porto: ESTADO DE SAÚDE E QUALIDADE DE VIDA DE IMIGRANTES BRASILEIRAS EM PORTUGAL. Será um importante diagnóstico dessa situação para fomentar e sugerir políticas de apoio e proteção às brasileiras que vivem em Portugal. Além da pesquisa, o grupo pretende agregar mulheres brasileiras para discutir

os temas: saúde física, mental e reprodutiva, sexualidade, violência contra as mulheres etc.

O *link* para acesso ao grupo foi incluído logo abaixo. Vale ressaltar que a logomarca do grupo aparecia no corpo do convite.

Na primeira semana após o lançamento do grupo, ele já totalizava mais de 300 participantes. Além dos convites enviados para outros grupos de brasileiros, internamente, foram criadas algumas campanhas: a) Desafio da semana! Convide 3 amigas brasileiras para nosso grupo; b) Fale sobre este grupo com suas amigas brasileiras; c) Você tem amigas brasileiras que não estão neste grupo?

Nos dois primeiros meses do grupo, revisitamos os outros grupos dentre os quais foram enviados os convites todos os dias e curtimos nosso próprio convite, para que ele fosse visualizado novamente no topo da página, já que esses espaços virtuais são muito dinâmicos, eles contêm muitas postagens e as mais antigas não são visualizadas de um dia para o outro. Assim, a estratégia de curtir os convites já enviados resultou em uma grande quantidade de visualizações e diversas adesões ao nosso grupo.

No segundo mês do grupo, chegamos a 1.000 integrantes. Então, o grande desafio era manter o grupo ativo, vivo, com os objetivos propostos.

O ponto central para proporcionar vida ao grupo, além da pesquisa proposta pelos autores deste artigo, encontra ressonância em Elhajji e Malerba (2016), que definiram a situação do imigrante. Via de regra, os migrantes são minoritários; quantitativamente menores em relação aos grupos nacionais, étnicos ou culturais que dominam numérica e politicamente a sociedade de acolhimento. Tal debilidade ou precariedade quantitativa resulta, com frequência, em condição e/ou estatuto social e político de subalternidade. O que, não raro, resulta em diversas formas de discriminação, racismo, xenofobia, opressão ou estigmatização do grupo minoritário e de seus membros.

O tema do primeiro fórum de discussão no grupo dizia respeito ao que era mais latente e percebido não só nos depoimentos de muitas brasileiras, mas na literatura disponível:

Você já sofreu algum tipo de violência/discriminação em Portugal? Se sua resposta foi afirmativa, conte-nos o contexto vivido e as formas de enfrentamento utilizadas para superar a situação.

Durante duas semanas, esse espaço foi ocupado por relatos de diversas formas de violação de direitos e de discriminação. Os relatos são contundentes, indo ao

encontro do que registram tanto a literatura relevante como os diálogos informais. Vale ressaltar que o fórum com essa temática permanece aberto, pois sempre há necessidade de falar sobre a violência e o preconceito no contexto dos imigrantes.

A administração do grupo observou que era muito mais fácil para as participantes descrever a situação de violência/discriminação vivenciada, pois a maioria apresentou dificuldade de comentar as formas de enfrentamento adotadas para superá-la. A coordenação do grupo assumiu papel fundamental ao estimular os relatos acerca das formas de superação do problema, pois essa é a essência de um grupo: apreender, apoiar, trocar informações, inspirar e até descobrir que a situação vivenciada por um membro não é algo isolado, que muitas pessoas com características similares também podem ter vivenciado tal constrangimento ou situação inadequada. Com essa função, acredita-se que o grupo tem servido como espaço terapêutico, já que possibilita o desabafo e, ao mesmo tempo, proporciona suporte e troca de experiências para o enfrentamento de determinadas situações.

O Relatório da Agência de Direitos Fundamentais da União Europeia (FRA, na sigla em inglês) revelou que 44% dos 64 mil brasileiros que residem legalmente em Portugal teriam sofrido algum tipo de discriminação nos últimos 12 meses. Segundo o documento, esses brasileiros teriam sofrido discriminação ao tentar abrir uma conta bancária, ao buscar trabalho, residência, serviços sociais e de saúde, ou mesmo em bares, restaurantes e lojas. O relatório de pesquisa ainda evidência que 74% dos brasileiros consideram alto o nível de discriminação e racismo em Portugal. Esses números fazem parte da primeira pesquisa já realizada pela FRA sobre a situação dos direitos fundamentais nos 27 países europeus, baseada em entrevistas realizadas com 23.500 imigrantes e membros de minorias étnicas residentes no bloco. Outra revelação importante, 12% dos imigrantes que se incluem em um desses grupos foram vítimas de algum tipo de violência motivada por questões racistas durante os últimos 12 meses, entre elas roubos, ameaças e assédios (FRA, 2009)

A criação do grupo e as formas de comunicação nesse espaço corroboram a proposta de Elhajji e Malerba (2016): *comunidade e comunicação* remetem à mesma raiz etimológica e apontam o mesmo horizonte filosófico. Comunicar, formar uma comunidade ou entrar em comunhão implicam o mesmo gesto existencial de troca, partilha, participação, contribuição, aproximação e vinculação. Uma comunidade é,

portanto, um conjunto de sentidos, o lugar (físico/territorial ou simbólico/imaginário) onde é produzido, veiculado e compartilhado o sentido comum ao corpo do grupo em sua totalidade reflexiva. Se a comunicação é um processo de produção de sentido, a comunidade é o lócus em que esse sentido é construído, transmitido, trocado, codificado e decodificado. Vale lembrar que, dentre as principais atribuições de natureza social e política intrínsecas à comunicação grupal, temos, em primeiro lugar, seu caráter discursivo responsável pela enunciação e manutenção da identidade coletiva.

O grupo segue com fóruns de discussão nos quais o principal objetivo é a troca de experiências e o auxílio mútuo. O tema mais recente na data em que este artigo foi redigido era:

SER BRASILEIRA E VIVER EM PORTUGAL – Comente, de forma resumida, o que significa para você ser mulher brasileira e viver em Portugal.

Os depoimentos são espontâneos, alguns com pontos negativos, destacando aspectos discriminatórios, outros com pontos positivos, revelando uma face do enraizamento, da qualidade de vida almejada e alcançada no país de acolhimento. Padilla e Ortiz (2014) lembram que a discriminação é sentida também pelos imigrantes nos espaços públicos e em outras instituições públicas, o que sugere a necessidade de pensar instrumentos de combate aos comportamentos discriminatórios tanto a nível europeu como locais, que compensem as injustiças identificadas. Contudo, o racismo ainda atravessa as sociedades europeias, favorecendo os grupos majoritários e prejudicando os minoritários, situação que no fim deteriora a qualidade de vida global dos cidadãos e cidadãs.

O espaço grupal recebeu importante apoio e fortalecimento depois das parcerias firmadas com a Associação Mais Brasil; a Embaixada do Brasil em Lisboa; a Associação Internacional Luso-Brasileira; o Consulado-Geral do Brasil no Faro; o Consulado-Geral do Brasil no Porto; e o Conselho de Cidadãs e Cidadãos. Essas entidades divulgaram o grupo em suas páginas no *Facebook* e ampliaram essa divulgação fora da internet, por meio de cartazes e panfletos impressos. As instituições brasileiras que atuam fora do país representando ou atuando em prol do imigrante brasileiro, em geral, promovem um sentimento de pertencimento e identidade com a nacionalidade. Nesse sentido, depois da parceria com essas instituições, a adesão ao grupo e à pesquisa cresceu de forma significativa.

Segundo Lacomba (2016) as associações desempenha um papel fundamental no apoio aos imigrantes. Existe uma necessidade singular das pessoas que migram em se organizarem em associações na história os fluxos migratórios contemporâneos. Estas

podem ser: associações secretas, em torno de créditos rotatórios, religiosas, grupo de ajuda mútua, entre outros.

Assim, com mais de 1.500 participantes, o grupo vem se estruturando. Vale ressaltar os desejos e anseios das brasileiras que participam do espaço grupal. Suas principais demandas são:

Quadro 1 Caracterização das postagens durante dois meses de observação no *Facebook* - Grupo Brasileiras que vivem em Portugal – 2016

TEOR DAS POSTAGENS	Nº DE POSTAGENS EM DOIS MESES
Oferta de trabalho autônomo diversos	115
Busca de Informações sobre regularização no País	30
Busca de Informações sobre Educação/Faculdades e Cursos	15
Informações sobre Eventos Científicos e Sociais	12
Divulgação de assuntos relacionados à Saúde da Mulher	10
Busca de serviços Profissionais	8
Mensagens com teor de positividade para aumentar a autoestima	5
Relatos de violação de direitos do Imigrante	4

No estudo de Saturnino (2011) a pergunta “O que te fez deixar o amado Brasil e aventurar-se em Portugal? foi respondida em consonância com as demandas do grupo em questão. Busca de emprego e estudo foram os principais motivos que justificam a estada dos imigrantes no novo país. No quadro 1 pode ser observado que os três primeiros itens revelam os mesmos objetivos. Vale ressaltar que a grande oferta de trabalho autônomo diversos sugere que muitas brasileira estão no mercado informal trabalhando por conta própria.

Constata-se que apesar do trabalho de caracterização da imigração feminina em Portugal ter avançado substancialmente nos últimos anos, são escassos os estudos científicos que abordem o impacto das questões de gênero na imigração. A perspectiva androcêntrica continua presente nas leituras que se desenvolvem, não se valorando adequadamente os contributos que as mulheres trazem para as economias dos países onde vivem, sendo estes percebidos como insignificantes (GILL, 2006).

Carvalho (2007) no artigo “Os Limites da Formalidade e o Trabalho Imigrante em Portugal” faz uma síntese que ajuda a compreender o contexto laboral para imigrantes. O trabalho informal pode assumir diversas formas: pode consistir na existência de um segundo trabalho depois ou até durante as horas regulares de trabalho; pode consistir no emprego de indivíduos (clandestinos ou imigrantes ilegais) que não estão autorizados a trabalhar na economia formal; pode consistir no emprego de indivíduos que não participam no mercado de trabalho dito oficial, não assumindo qualquer compromisso em termos fiscais e de segurança social; incluem-se também subversões aos sistemas regulamentados para a contratação efetiva, fazendo rotação de trabalhadores e equipas

em contextos não efetivos, por exemplo; pode ainda referir-se a atividade semiclandestina mas remunerada de indivíduos que estão oficialmente inscritos como desempregados nos Centros de Emprego e auferindo o correspondente subsídio de desemprego.

Peixoto e Figueiredo (2007) já alertavam que a incorporação dos imigrantes ao mercado de trabalho não depende apenas de suas estratégias individuais nem de critérios dos empregadores. Numerosos outros agentes, individuais e institucionais, estão envolvidos no processo e procedem à adequação entre procura e oferta de trabalho. Além desses, um dos principais veículos de incorporação laboral são as redes sociais. No plano “informal” – conterrâneos, familiares e amigos –, as redes sociais são responsáveis por canalizar informações e proporcionar suporte aos migrantes.

Em muitos casos, as participantes do grupo apenas postam um anúncio descrevendo suas habilidades e solicitando ajuda para inserção no mercado de trabalho. Algumas são mais sintéticas e diretas, postam um pedido de ajuda para encontrar trabalho em qualquer setor. Egreja e Peixoto (2011) no estudo Caminhos limitados ou mobilidade bloqueada? a mobilidade sócio profissional dos imigrantes brasileiros em

Portugal, identificaram o seguinte fenômeno: a tendência mais comum aponta para uma inserção inicial no mercado de trabalho bastante desqualificada, que a maioria dos imigrantes consegue ir revertendo, embora sem alcançarem globalmente uma mobilidade ascendente que atinja um nível igual ou superior ao estatuto sócio profissional anterior. As entradas de imigrantes brasileiros há mais de 10 anos apresentaram um potencial de mobilidade bastante superior ao dos imigrantes mais recentes. Embora a degradação da conjuntura econômica, bem como a escassez de emprego qualificado nos últimos anos, possam ter dificultado a mobilidade nas vagas mais recentes, é possível que o aumento de duração da residência se traduza por maiores probabilidades de sucesso sócio profissional.

Alguns estudos sobre migração e mercado de trabalho em Portugal apontam que o grande contraste entre os segmentos profissionais que os imigrantes brasileiros ocuparam, ao longo do tempo, não tem apresentado correspondência com a variação de seu nível de qualificação. Tudo indica que a qualificação dos imigrantes brasileiros permanece acima da média da população portuguesa, ou seja, sua qualificação encontra-se acima dos requisitos dos postos profissionais que ocupam no mercado de trabalho (PEIXOTO; FIGUEIREDO, 2007).

Ainda sobre o mercado de trabalho e os imigrantes em Portugal, segundo Costa (2009), a visibilidade social que a questão imigratória adquiriu, principalmente no novo milênio, começa a receber especial atenção nos estudos das mais diversas entidades. Ela resulta do grande contingente de imigrantes no mercado de trabalho português, sobretudo o de origem brasileira. Essas pessoas têm alimentado os setores de atividade fortemente consumidores de mão de obra pouco qualificada, destacando-se a construção civil, as obras públicas e os serviços de limpeza. O desemprego é mais elevado no sexo feminino, com 41,1%, atingindo 35,4% do sexo masculino. Mais da metade das ucranianas (51,9%) estava desempregada antes de vir para Portugal. As brasileiras apresentavam menor taxa de desemprego (24,8%), enquanto entre as guineenses a taxa era de 28,4%.

Peixoto e Egreja (2012) identificam as redes sociais como um dos caminhos de imigrantes para encontrar trabalho. Em primeiro lugar, as redes sociais são mais explicativas do que os outros meios para a obtenção de emprego em Portugal. O apoio das redes inclui o recurso a amigos brasileiros, familiares e portugueses. Outro meio com dimensão importante é a própria iniciativa. Contudo, é provável que mesmo esta só seja acionada depois do acesso a informações confiáveis junto a outros contatos. Nesse

ponto, é relevante, ainda, a rapidez com que o primeiro emprego é obtido. A grande maioria dos imigrantes não ingressa no país com um contrato de trabalho, mas como turista, e só mais tarde procura regularizar sua permanência. Isso demonstra o enorme poder das redes (e da própria iniciativa) no campo das migrações internacionais, não obstante os obstáculos à circulação do trabalho.

França (2010) ressalta que a inserção de mulheres brasileiras no mercado de trabalho em Portugal deve ser considerada na seguinte perspectiva: a simpatia brasileira passa a ser negociada como uma competência profissional fundamental para o nicho laboral no qual as brasileiras inserem-se, mas não é reconhecida como uma qualificação profissional. As imigrantes brasileiras passam por um processo de invisibilização, na medida em que são associadas previamente aos estereótipos de povo alegre e sensual, transformando-as em um todo homogêneo: mulheres alegres, sensuais, simpáticas e cuidadosas.

Nosso grupo também apresenta outra função: muitas brasileiras buscavam amizade e troca de experiências. Grande parte delas, em sua apresentação, revelou ser casada com um português e viver muito bem neste país, e demonstrou saudosismo em relação à sua terra e desejo de fazer novas amizades. Mais uma vez, identifica-se a busca de proximidade com suas origens, contato com sua cultura, o que se pode indicar como identidade social.

Para Tajfel (1981), a identidade social é a parcela do autoconceito de um indivíduo que deriva da consciência de sua pertença a determinado grupo social, junto com o significado emocional e o valor associado a essa pertença. Pertencer a um grupo é algo muito significativo para as pessoas, principalmente quando se encontram na condição de imigrantes. Seus desdobramentos influenciam sobremaneira a saúde física e mental dos que deixaram sua pátria para viver em outro país. Dolabella (2015) depois de ter estudados um grupo de imigrantes brasileiras em Portugal, afirma que as noções de cuidado, gratidão e sacrifício perpassam as dinâmicas de reciprocidade produzindo mecanismos de poder e assimetrias, permitindo ainda uma reconfiguração positiva das identidades dessas mulheres na medida em que elas não se veem isoladas e com suas identidades alienadas socialmente. No momento em que se assumem como seres solidários e responsáveis para com a família e as amigas, não só se afirmam no papel reconhecidamente feminino ao qual estão inscritas como reivindicam sua capacidade de amar, de cuidar e de partilhar. Tais capacidades, quando exaltadas, influenciam

positivamente as subjetivações acerca de suas identidades, desestabilizando as relações de poder nas quais os estigmas são produzidos.

No espaço grupal foi possível perceber que muitas recorriam às redes sociais para enfrentar o fenômeno da solidão. No estudo *Aculturação, adaptação e solidão entre migrantes brasileiros residentes em Portugal*. A avaliação sobre a solidão emergiu como um fenômeno enfrentado por alguns brasileiros, ao que mais surpreendeu nos resultados é que os imigrantes solitários têm como alvo mais negativamente os membros de seu grupo nacional (brasileiros) do que os membros da sociedade de acolhimento ou de outros grupos imigrantes. Para os imigrantes solitários, novos contatos com membros de outras nacionalidades podem constituir novas oportunidades para atender às necessidades da intimidade. Os autores sugerem a relação consistente entre solidão e uma grande variedade de problemas de saúde relevantes como por exemplo, depressão, ansiedade, ideação suicida e abuso de substâncias, o que pode servir de alerta para os cuidam e lidam com esta população (NETO, OLIVERIRA e NETO, 2016).

Ao final deste relato de experiência sobre a criação e administração de um grupo de imigrantes brasileiras em Portugal, é imprescindível destacar a importância do papel do administrador de tal espaço. Trata-se de uma função que requer trabalho diário, dedicação e zelo, pois as pessoas que buscam o grupo apresentam suas próprias demandas, em geral, relacionadas à função que desempenham. Nesse sentido, segue uma lista com as tarefas realizadas em frequência diária: aceitar solicitações de entrada; aprovar postagem depois de analisar seu conteúdo; enviar mensagem de boas-vindas aos novos membros; responder perguntas enviadas diretamente aos administradores; complementar informações oferecidas; participar dos debates de forma apaziguadora; e mediar eventual conflito no espaço. Para o efetivo desenvolvimento do grupo, o papel do administrador é fundamental.

Assim, o grupo seguia ativo na data em que este artigo foi redigido; vale lembrar seus dois grandes objetivos: 1) servir de base para pesquisa em nível de pós-doutorado na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, intitulada “Estado de Saúde e Qualidade de Vida de Imigrantes Brasileiras em Portugal”; e 2) constituir ferramenta de apoio e suporte virtual para brasileiras que vivem em Portugal.

Considerações finais

Atualmente as mulheres representam uma parcela considerável do universo global da população migrante, disseminada pelo mundo. Esta feminização da migração deve ser acompanhada concomitante por ações de proteção e apoio a este grupo.

Concordamos com Duarte e Oliveira (2012) ao ponderarem que uma das mais interessantes alterações nas migrações transnacionais consiste na sua feminização. Com a expressão feminização das migrações não se pretende, apenas, dizer que o número de mulheres nos fluxos migratórios tem vindo a aumentar exponencialmente, mas também, e sobretudo, que é necessário uma análise qualitativa dessas estratégias migratórias. Contudo, e apesar de hoje, nos fluxos Sul-Norte, encontrarmos números equiparáveis de mulheres e de homens, o viés de género nas migrações não está presente nas políticas de migração, nem tão pouco nos programas de apoio aos/às imigrantes.

A Internet pode ser considerada um ponto de encontro virtual que possibilita as relações entre as pessoas, as quais podem encontrar-se a qualquer momento, independente de barreiras geográficas ou temporais. A popularização de seu uso possibilitou à população considerável participação em assuntos cotidianamente tratados pela mídia tradicional. Configura-se como um espaço de possibilidades, com o crescimento da participação popular e da interação social. Branco e Matsuzaki (2009) ressaltam que o ser humano é, antes de tudo, um ser social e defendem que as “redes sociais”, no ambiente digital, são ferramentas que estão simplesmente potencializando essa tendência e alterando completamente as possibilidades de comunicação.

A convivência no mundo virtual é uma realidade no século XXI. As novas tecnologias contribuem de forma significativa para a aproximação entre pessoas e grupos. As redes sociais podem ser consideradas um espaço privilegiado para se relacionar. Os ambientes virtuais são promissores para agregar pessoas e promover integração virtual, contribuindo de modo incisivo com os processos migratórios. O espaço também se mostra favorável para o desenvolvimento de pesquisa, já que facilita o contato com o público-alvo definido pelos pesquisadores – no caso relatado, brasileiras que vivem em Portugal.

Fazito (2002) no texto redes sociais na migração referindo-se às relações sociais existentes no complexo processo migratório que articularia os migrantes e os não

migrantes. Segundo este pesquisador, os estudos que relacionam as migrações às redes sociais são recentes (a partir dos anos 80) e descritivos, tendo por objeto as migrações focalizadas pelas: relações envolvendo indivíduos e famílias, e entre regiões; e nas trocas de pessoas, informações e de recursos. As redes sociais entre imigrantes extrapolariam os seus limites físicos e permitiriam interrelações com o lugar de destino. Estas redes não limitam a ação dos imigrantes, mas, de certa maneira, os protegem, relativamente, das tensões e dos conflitos, amenizando as dificuldades cotidianas.

O relato desta experiência contribuiu para uma reflexão sobre as possibilidades de utilização das novas tecnologias de informação e comunicação e integração de imigrantes no país de acolhimento. Entendendo o “ciberespaço” como estrutura rizomática constituída por uma diversidade de utilizadores que imaginam a tecnologia dos softwares sociais uma nova referência de manutenção dos relacionamentos.

A experiência demonstrou sua utilidade e seus benefícios para quem se encontra em outro país e necessita de informações, camaradagem, dividir experiências, pertencer a um grupo étnico e apoio para inserção no mercado de trabalho. O grupo mostrou-se um potente suporte virtual para imigrantes, contribuindo com sua busca de uma vida melhor em outro país. O grupo brasileiro que vive em Portugal no facebook vem cumprindo uma importante função no processo migratório, oferecendo apoio, troca de informações e acolhimento. Neste sentido, as redes sociais entre imigrantes são, então, uma das alternativas de superação de dificuldades no país de acolhimento.

Referências

BADET, Maria. A prevalência de imaginários estereotipados do Brasil no exterior e o papel das mídias na sua manutenção. *REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.*, Brasília, v. 24, n. 46, p. 59-75, abr. 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-85852016000100059&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 23 nov. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/1980-85852503880004605>.

BRASIL. Brasileiros no mundo. 2013. Disponível em: <<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-populacionais-das-comunidades/estimativas-populacionais-das-comunidades-brasileiras-no-mundo-2013/estimativas-2013.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2016.

BRIGNOL, Liliane Dutra; COSTA, Nathália Drey. Migration and social uses of facebook: An Approach to Senegalese Web Diaspora in Rio Grande do Sul. *REMHU*,

Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., Brasília, v. 24, n. 46, p. 91-108, abr. 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-85852016000100091&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 21 nov. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/1980-85852503880004607>.

CARVALHO, Lourenço Xavier. Os Limites da Formalidade e o Trabalho Imigrante em Portugal. Cadernos OI # 01, Dezembro 2007. Disponível em: <http://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/183128/Caderno_1.pdf/71984dbc-2eff-4b19-b55a-e27204a44a7b>. Acesso em: 1º jul. 2016.

CORREIA, J. C. Dez anos depois de Bragança, a representação da mulher brasileira nos *media. Verso e Reverso*, São Leopoldo, v. 28, n. 69, p. 186-192, 2014. Disponível em: <<file:///D:/65-27477-1-PB.pdf>>. Acesso em: 1º jul. 2016.

COSTA, P. Imigração em Portugal: tendências recentes, os imigrantes guineenses, ucranianos e brasileiros no mercado de trabalho português. *Cadernos do Curso de Doutoramento em Geografia, FLUP*, Porto, v. 1, p. 117-140, 2009. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7690.pdf>>. Acesso em: 1º jul. 2016.

DANTAS, Sylvia. Migration, mental health prevention, digital media. *REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.*, Brasília, v. 24, n. 46, p. 143-157, abr. 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-85852016000100143&lng=pt&nrm=iso>. acesso em: 21 nov. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/1980-85852503880004610>.

DIAS, S.; GONÇALVES, A. Migração e saúde. *Migrações*, Lisboa, v. 1, p. 15-26, 2007. Disponível em: <http://www.uc.pt/fluc/gigs/GeoHealthS/doc_apoio/migracoes_e_saude.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2016.

DOLABELLA, Lira Turrer. Sexualidade, cuidado e relações de poder na diáspora: as imigrantes brasileiras no universo das casas de alterne em Lisboa. *Horiz. antropol.*, Porto Alegre, v. 21, n. 43, p. 21-50, jun. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832015000100021&lng=pt&nrm=iso>. acessos em: 23 nov. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832015000100002>.

ELHAJJI, M.; MALERBA, J. P. Dos usos comunitários da webradiofonia no contexto migratório transnacional. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, Brasília, v. 24, n. 46, p. 109-127, 2016. Disponível em: <<http://www.csem.org.br/remhu/index.php/remhu/article/view/571>>. Acesso em: 1º jul. 2016.

EGREJA, Catarina; PEIXOTO, João. Caminhos limitados ou mobilidade bloqueada?: A mobilidade socioprofissional dos imigrantes brasileiros em Portugal. *Sociologia, Problemas e Práticas*, Oeiras, n. 67, p. 43-64, dez. 2011. Disponível em

<http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292011000300003&lng=pt&nrm=iso>. acesso em: 22 nov. 2016

DUARTE, Madalena; OLIVEIRA, Ana. Mulheres nas margens: a violência doméstica e as mulheres imigrantes. *Sociologia*, Porto, v. 23, p. 223-237, jun. 2012. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0872-34192012000100012&lng=pt&nrm=iso>. acesso em: 22 nov. 2016.

FAZITO, Dimitri. *A Análise de Redes Sociais (ARS) e a Migração: mito e realidade*.

Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil de 4 a 8 de novembro de 2002.

FARIA, Maria Rita Fontes. Migrações internacionais no plano multilateral: reflexões para a política externa brasileira / Maria Rita Fontes Faria. – Brasília: FUNAG, 2015.

FRANÇA, T. Alternando entre o trabalho e o prazer: considerações de uma doutoranda brasileira. Cabo dos Trabalhos: Revista Electrónica dos Programas de Mestrado e Doutoramento do CES/FEUC/FLUC, Coimbra, n. 4, 2010. Disponível em <https://cabodostrabalhos.ces.uc.pt/pdf/27_Thais_Franca.pdf>. acesso em: 22 nov. 2016.

FRA. European Union Agency for Fundamental Rights. EU-MIDIS. European Union Minorities and Discrimination Survey. 2009. Disponível em <http://fra.europa.eu/sites/default/files/fra_uploads/663-FRA-2011_EU_MIDIS_EN.pdf>. acesso em: 22 nov. 2016.

Gill, R. *Global feminism: Trends in the literature*. Organization, 13, 589-598. 2006.

JACQUES, M. G. C. *Identidades migratórias*. Porto: Universidade Aberta de Portugal, 1998. (Relatório de pesquisa de pós-doutorado).

LACOMBA, Joan. Asociaciones de inmigrantes en la encrucijada. Acción transnacional y riesgos de cooptación. *REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.*, Brasília, v. 24, n. 47, p. 27-44, ago. 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-85852016000200027&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 23 nov. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/1980-85852503880004703>.

MACHADO, I.J.R. 2009. *Cárcere Público: Processos de exotização entre brasileiros no Porto*. Lisboa, ICS, 256 p.

MALHEIROS, J. M. Os brasileiros em Portugal: a síntese do que sabemos. In: MALHEIROS, J. M. (Org.). *Imigração brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI, 2007. p. 11-37. (Coleção Comunidade, n. 1).

MAYORGA, Claudia. Cruzando fronteiras: prostituição e imigração. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 37, p. 323-355, dez. 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332011000200014&lng=pt&nrm=iso>. acesso em: 25 nov. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332011000200014>.

MENDONÇA, L. F. M. Experiências de vida e formas de integração das imigrantes brasileiras em Portugal. 2007. Disponível em: <http://www.ceg.ul.pt/metropolis2006/WorkshopPresentations/Gulbenkian/LucianaMendoncaPaper_metropolis2006.pdf>. Acesso em: 1º jul. 2016.

MIZRUCHI, M. S. Análise de redes sociais: avanços recentes e controvérsias atuais. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 46, n. 3, p. 10-15, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v46n3/v46n3a13.pdf>>. Acesso em: 1º jul. 2016.

MONTEIRO NETO, F. F. Identidades migratórias. *Revista de Psiquiatria Clínica*, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 113-128, 1985.

_____. Preditores da saúde mental em adolescentes de famílias imigrantes em Portugal. In: MONTEIRO NETO, F. F. *Estudos de psicologia intercultural: nós e outros*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, 2012. v. 2. P 13 – 43.

NAÇÕES UNIDAS, Department of Economic and Social Affairs, Population Division (2016). International Migration Report 2015: Highlights (ST/ESA/SER.A/375). Disponível em: <http://www.un.org/en/development/desa/population/migration/publications/migrationreport/doc/s/MigrationReport2015_Highlights.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2016.

NETO, J., OLIVEIRA, E. N., & NETO, F. (2016). Acculturation, adaptation, and loneliness among Brazilian migrants living in Portugal. In I. Muenstermann (Ed.), *Immigration*, p. 250.

PADILLA, Beatriz; ORTIZ, Alejandra. Construção das identidades de jovens de origem imigrante em Europa: resultados dum projeto europeu. *REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.*, Brasília, v. 22, n. 42, p. 133-158, jun. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-85852014000100009&lng=pt&nrm=iso>. acesso em: 22 nov. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S1980-85852014000100009>.

PEIXOTO, J.; EGREJA, C. A força dos laços fracos: estratégias de emprego entre os imigrantes brasileiros em Portugal. *Tempo Social*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 263-282,

2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702012000100013>>. Acesso em: 1º jul. 2016.

PEIXOTO, J.; FIGUEIREDO, A. Imigrantes brasileiros e mercado de trabalho em Portugal. In: MALHEIROS, J. M. (Org.). *Imigração brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI, 2007. p. 87-111. (Coleção Comunidade, n. 1).

PONTES, Luciana. Mulheres brasileiras na mídia portuguesa. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 23, p. 229-256, dez. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332004000200008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 24 nov. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332004000200008>.

SATURNINO, Rodrigo. Imaginário e imigração nas redes sociais da Internet: o caso dos brasileiros em Portugal. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos* 13(2): 94-110, maio/agosto 2011. Disponível em <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2011.132.03>> acesso em: 23 nov. 2016

SERVIÇO DE ESTRANGEIROS E FRONTEIRAS – SEF. Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo. 2013. Disponível em: <http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2013.pdf>. Acesso em: 1º jul. 2016.

TAJFEL, H. *Grupos humanos e categorias sociais*. Lisboa: Horizonte, 1981.

VERMELHO, S. C.; VELHO, A. P. M.; BERTONCELLO, V. Sobre o conceito de redes sociais e seus pesquisadores. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, ahead of print, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/2015nahead/1517-9702-ep-1517-97022015041612.pdf>>. Acesso em: 1º jul. 2016.

WALDMAN, T. C. Movimentos migratórios sob a perspectiva do direito à saúde: imigrantes bolivianas em São Paulo. *Revista de Direito Sanitário*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 90-114, 2011. Disponível em: <http://www.justica.sp.gov.br/StaticFiles/SJDC/ArquivosComuns/ProgramasProjetos/NETP/Revista%20de%20Direito%20Sanit.rio_vol.%2012_n.%201_01.pmd.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2016.